



O estabelecimento definitivo de uma arte brasileira ou sul-americana — algo um pouco distante, ainda em processo de estruturação, mas já com algumas posições básicas delineadas — tem na escultura de Sérgio de Camargo a sua mais recente, autêntica e vigorosa contribuição individual. O escultor, depois do Grande Prêmio Internacional da Bienal de Paris, desenvolveu e amadureceu suas pesquisas em termo do relevo conseguindo, em tempo curtíssimo, o difícil interesse dos *marchands* europeus, a consagração da opinião crítica apontando-o como um dos mais sólidos valores do que alguns já vão chamando "arte sul-americana" de hoje, ao lado de Alicia Penalba, Soto, Otero, Le Parc, Crajberg, Lígia Clark e outros. Artistas que, sozinhos, realizam um trabalho normalmente a ser feito pelos poderes oficial e privado.

Entretanto, mais do que a ausência do poder econômico-cultural, que comanda nos grandes centros da Europa e E.E. UU., mais do que o apoio de uma política institucional, o que debilita o estabelecimento de uma arte sul-americana é a falta de apoio do gosto e dos valores populares que oscilam ao léu da incultura, ausência de informação esclarecida, conseqüente da falta de objetividade e do excesso de personalismo dos homens encarregados de formar e orientar o público. A arte entre nós é alimentada mais por palavras do que por obras. A ligeireza dos critérios adotados em alguns museus, a ganância do mercado, a passividade da Bienal de São Paulo em face da política internacional das artes, o esnobismo intelectual de algumas pseudo-vanguardas, as repentinas implicações mundanas, o "bom-mocismo" dos burocratas culturais, a indiferença de uma certa imprensa, eis alguns dos fatores que retardam o nosso desenvolvimento.

Com todos estes fatores contrários, alguns artistas, autênticas personalidades criadoras, conseguem impor, na Europa, o que se poderia chamar, com propriedade, um espírito sul-americano de renovação ou contribuição à problemática universal da arte dos nossos dias. E, como dissemos, Sérgio de Camargo é um deles. Daí a importância da mostra que vai inaugurar quinta-feira próxima no Museu de Arte Moderna do Rio.

A nova escultura de Sérgio de Camargo é uma superfície em relevos geométricos em madeira pintada. O problema formal dos seus relevos, como aconteceu em vários movimentos da história da arte, é o movimento — aqui, entretanto, resolvido de maneira nova, individual, dinâmica. Formas cilíndricas ou retangulares, dispostas em várias direções, criam ritmos variadíssimos que se amplificam ou modificam de acordo com a incidência da luz ou do olho do espectador, criando um novo e apaixonante espetáculo de forte conteúdo poético. O material é a madeira pintada de branco, deliberadamente singelo como singelas são, também, as formas, uma simplicidade essencial alcançada após o esforço intelectual de uma sensibilidade tão jovem quanto cultivada e ambiciosa, nobremente ambiciosa de uma linguagem

peçoal válida. A inteligência de uma estrutura lógica permite uma sutil relação de formas que afasta a possibilidade de monotonia do módulo, que regula a grande maioria das superfícies do escultor, cujos trabalhos mais recentes tendem para uma simplificação ainda maior. E se orientam no sentido da integração arquitetônica, à espera dos grandes espaços, das vastas superfícies da moderna arquitetura do Rio, Brasília ou Caracas para onde, aliás, o escultor deverá viajar.

Cabe ressaltar, ainda, nestas palavras breves de informação sobre a presença desse importante artista brasileiro que o Museu vai apresentar, a sua extrema juventude, embora os muitos anos de militância nos meios artísticos do Brasil e Argentina. É que Sérgio de Camargo tem apenas 35 anos. Ele estudou na Academia Altamira em Buenos Aires, Argentina, com Emilio Pettoruti e Lucio Fontana. Visitou Paris em 1948 e ali ficou para estudar Filosofia na Sorbonne. Na França, voltou à escultura e conheceu Brancusi, Auricoste, Arp e Vantongerloo. Em 1954, visitou a China e desde 1961 está radicado na França, onde trabalha. Sua primeira individual na Europa, de grande sucesso e repercussão, foi realizada na Galeria Signals, em Londres, de dezembro de 64 a janeiro deste ano.